

# CARTAS

DE

## AMÉRIGO VESPUCCI

NA PARTE QUE RESPEITA ÀS SUAS TRES VIAGENS AO BRASIL

TRADUZIDAS E ANOTADAS CRITICAMENTE

PELO

VISCONDE DE PORTO SEGURO

### I

Trechos da carta de 4 de Setembro de 1504 ao gonfaloneiro de Fieira Pedro Sodralini, respectivos à terceira e quarta viagens, e ao princípio da segunda, apontando na actual provincia do Rio Grande do Norte.

..... (1)

#### SEGUNDA VIAGEM

Quanto à segunda viagem, o que n'ella vi digno de memoria foi o seguinte.

Partimos de Cadiz tres navios de conserva a 16 de Maio (2) de 1499, e começámos nosso caminho em direitura ás ilhas de Cabo Verde; passando á vista da Grã-Canaria. E tanto navegámos que fomos ter á ilha que se diz de Fogo, onde, feita a devida provisão de agua e lenha, continuámos

(1) A primeira viagem nada tem que ver com as terras do Brasil. Estendem-se, segundo a nossa interpretação, desde o cabo da Graças a Deus, em Honduras, até a costa oriental da Florida e ilhas Bermudas. Veja-se o nosso apusculo — *Le Premier voyage de Amerigo Vesputci définitivement expliqué, etc.* (P. 5.)

(2) Herrera (L. 4. l.) dá a partida de Hojeda a 20, e do porto de Santa Maria, não no de Cadiz.

a navegar, seguindo pelo rumo de S. O. E em quarenta e quatro dias achámos diante de nós uma nova terra, que julgámos firme, e continuação da antes mencionada; a qual jaz dentro da zona torrida, e fóra da linha equinocial do lado do sul: sobre a qual se alça o pólo meridional cinco grãos, fóra de todo clima (3). E fica quinhentas leguas a S. O. das ditas ilhas. E achámos serem iguaes os dias e as noites; porque chegámos a 27 de Junho, quando o sol está perto do tropico de Cancer. E esta terra encontrámo-la toda alagada e habhada de grandissimos rios.

Desde principio não vimos gente: surgimos e deitámos fóra os batéis, e fomos á terra e a encontrámos regada de muitos rios, e a accomettimos por muitas partes para vér se podíamos entrar por ella dentro; mas, pelas grandes enchentes que traziam os rios, apozar de muita lidar, não encontrámos lugar que não fosse alagado. Vimos pelos rios muitos signaes de a terra ser habitada; mas, reconhecida a impossibilidade de desembarcar por esta parte, resolvimos brucar-nos aos navios e a accomettê-la por outra.

E levámos ancoras e navegámos para E. S. E., costeando a terra, que assim corria, e em muitas partes a entrámos por quarenta leguas. E tudo era perdido. Achámos que n'esta costa as correntes eram tão fortes, que nem permittiam navegar, e todas corriam de S. E. a N. O.; de fórna que, visto tantos inconvenientes contra a nossa navegação, houve conselho, e resolvemos regressar para o N. O. E tanto navegámos ao longo da terra que fomos a entrar em um bellissimo porto, formado por uma grande ilha(4), etc.

(3) Refere-se aos climas só classificados por Eratostenes e outros geographos antigos no hemispherio septentrional, começando da Me-roe, no Egypto, para o norte. Veja-se—*Neuvelles Recherches*, nota D. (P. S.)

(4) Provavelmente o do Cayena, em vista do que se sabe pelo chefe da expedição Hojeda e outros que n'elle iam. (P. S.)

## TERCEIRA VIAGEM (8)

Estava eu depois em Sevilha, descansando dos trabalhos que tinha soffrido nas duas viagens anteriores, e com desejos de tornar de novo à terra das Pérolas, quando a fortuna, não contente com os meus passados incommodos, fez vir à idéa d'este Serenissimo rei de Portugal D. Manoel querer-se servir de mim. Assim, pois, estando em Sevilha, quando menos lembrança tinha de vir a Portugal, chegou um correio que me trouxe carta sua, em que me recomendava fosse eu falar-lhe à Lisboa, prometendo fazer-me muita mercê. Aconselhei-me a não partir por então; e despedi o correio, dizendo que estava doente, e que quando estivesse bem partiria a fazer quanto Sua Alteza me ordenasse, no caso de querer servir-se de mim. Veuido el-rei que me não podia haver por este modo, deliberou deputar-me Julião de Bartolomeu del Giocondo, que então se achava em Lisboa, com ordem de me levar consigo por todos os modos. Veia, pois, a Sevilha o dito Julião, e com a sua vida e regalivas foi forçado a partir, apesar de m'o levarem a mal quantos me coheciam, por saber de Castella, onde me faziam honra, e el-rei me tinha em boa reputação; e o peor foi que parti *insolutata hospite*.

Apresentando-me a este rei (D. Manoel), mostrou elle grande prazer com a minha chegada, e rogou-me que fosse com tres naos suas, que estavam apparelladas, a descobrir terras novas; e porque os rogos de um rei equivaliam a ordens, tive de consentir em quanto me mandava, e assim desafferrámos d'este porto de Lisboa nos 10 (9) de Maio de 1501 em tres naos de conserva, tomando o rumo das Canárias, à vista das quaes passámos sem nos demorar; d'aqui fomos

(8) Na parte d'esta carta correspondente à terceira e à quarta viagem, seguimos a Trigoas, corrigido-o apenas nos lugares em que se afazia do texto original.

(9) Na carta seguinte a Medici se lê 14.

costeando a parte occidental da Africa, onde, fazendo a nossa pescaria, apanhámos alguns pargos e nos demorámos tres dias; depois seguimos a costa da Ethiofia até um porto chamado Beseguiche, que está na zona torrida, a 14° e meio de elevação do pólo septentrional, e portanto no primeiro clima (7). Ailli estivemos onze dias fazendo provimento de agua e lenhas; e porque a minha intenção era navegar para o sul, pelo mar Atlantico, partimos d'este porto da Ethiofia e tomámos pelo sudoeste, quarta do sul, do sorte que em sessenta e sete dias chegámos a uma terra, que distava do lugar da nossa partida setecentas leguas para sudoeste: tendo entretanto o peor tempo que nunca ninguem experimentou por mar, por causa das muitas chuvas, tempestades e fortunas que soffremos, sempre com o tempo muito contrario; porque a força da nossa navegação era junto da equinocial em o mez de Junho, em que ailli é inverno. Os dias eram sempre iguaes ás noites, e a sombra cahia para a parte do sul. Emfim, a 17 (8) de Agosto proveu a Deus mostrar-nos nova terra, á meia legua da qual sargimos, e deitámos fóra os batéis para vêr se era habitada por gente e de que qualidade.

Achámos com effeito a terra populosa e habitada por uma nação pelor que fêras, como ouvirá. E V. Magnificencia entenderá que ao principio não vimos ninguem; mas concluímos que havia homens por muitos signaes que observámos. Tomámos posse do paiz em nome d'este Serenissimo rei de Portugal, e o achámos muito ameno, viçoso, de boa apparencia, e situado além da equinocial cinco para o sul; isto feito voltámos para as náos; e porque tinhamos grande necessidade de agua e lenha, nos resolvemos, no dia seguinte, a tor-

(7) Os antigos começaram a contar o primeiro clima desde a Istitude do Meroc até além de 30° N. (P. S.)

(8) Provavelmente antes, a 16, dia do S. Roque, o que deu o nome ao cabo então avistado, que ainda esse nome conserva. (P. S.)

nar á terra para fazermos o nosso provimento. Estando, pois alli, vimos alguma gente no cume de um monte, a qual olhava para nós sem ousar descer abaixo. Estavam todos nós, e eram da mesma côr e feições dos anteriores 9, e por mais diligencias que fizemos para que descessem e nos viessem fallar, nunca os podemos resolver a isso, não se querendo fiar de nós; pelo que, vendo a sua obstinação, e sendo já tarde, tornámos para os navios, deixando-lhes em terra muitos cascavéis, espelhos e outras quinquilharías. Assim que nos afastámos pelo mar dentro desceram de monte, pelo que lhes tínhamos deixado, ficando muito maravilhosos de tudo o que viam; e assim n'este dia não nos proveemos senão de agua.

Na manhã seguinte vimos das náos que a gente da terra fazia muitos fumos, e pensando que seria para chamar-nos desembarcámos, e conhecemos que se tinha ajuntado em grande numero, mas conservavam-se todavia em distancia, accenando-nos para que fôssemos a elles pela terra dentro. Em consequencia d'isto dois dos nossos se animaram a pedir licença ao capitão, para se exporem ao perigo de ir á terra vêr que gente era, e se tinha alguma riqueza ou especiaria, ou outras drogas; e tanto instaram até que o capitão o houve por bem.

Apromptaram-se, pois, com muitas fazendas de resgate, e partiram com regimento de não pôrem mais de cinco dias em voltar; porque tanto era o tempo que devíamos esperar por elles. Tomaram caminho para terra, e nós para as náos, das quaes viamos vir todos os dias gente á praia, mas sem quererem nunca fallar-nos.

No sétimo dia sahimos nos esquifes, e achámos que tinham trazido consigo as mulheres, as quaes mandavam para nós

(9) Das terras descobertas por ordem de el-rei de Castilla. (P. 5.

apenas nos avizinhámos. Vendo, pois, que não acatavam de tomar confiança, deliberámos enviar-lhes um dos nossos mancebos, muito esforçado, e para o segurarmos mais ficámos nos batéis, e elle foi ter com as mulheres, e chegando junto a ellas metteram-o no meio de um grande círculo, e apalmando-o e olhando-o attentamente se maravilhavam sobremaneira.

Estando n'isto vimos descer do monte uma mulher que trazia um pão na mão, e chegando onde estava o nosso christão lhe sahiu por detrás, e levantando o pé lhe deu um tão grande golpe que o estendeu morto; as outras tomaram-o logo pelos pés e o arrastaram para o monte; os homens correram para a praia, e principaram a atirar com as setas, pondo a nossa gente em tal confusão, que, estando surtos com os batéis sobre as fiteixas, nenhum se atreveu a tomar as armas por causa das muitas flechas com que eram acomettidos. Nós disparámos quatro tiros de bombardas que não acertaram; porém ouvindo o estrondo, fugiram todos para o monte, onde já estavam as mulheres fazendo o christão em pedaços, e assando-o em um grande fogo, que tinham acendido á nossa vista, mostrando-nos muitas porções d'elle e comendo-as; e os homens, fazendo-nos signaes, como dando-nos a entender que tinham tambem morto e comido os outros dois christãos. Pesou-nos isto muito, vendo com os nossos proprios olhos as crueldades que commettiam com o morto, parecido a todos uma injuria intoleravel. E estando mais de quarenta dos nossos com o proposito de saltar em terra a de vingar tão crua morte, e acto tão bestial e deshumano; o capitão-mór lh'o não quiz consentir. Elles ficaram satisfeitos com tão grande injuria, e nós partimos com bem má vontade e vergonha nossa por causa do capitão.

Sahindo d'esta paragem seguimos a nossa navegação entre leste e sueste, que assim corre a costa, e fizemos varias esca-

las, mas não achámos gente com quem podessemos tratar; e assim navegámos tanto, até que vimos voltar a costa para sud-este, e como passámos um cabo, a que puzemos o nome de *Santa Agostinho*, principiámos a seguir a fregião da terra. Fica este cabo distante do lugar em que vimos matar os dois christãos cento e cincuenta leguas para levante. Está este cabo em 8° além da equinocial para o sul. E continuando a nossa viagem avistámos um dia muita gente pela praia, que tinha corrido a vêr o prodigio das nossas náos, e cessando de navegar, nos fizemos na volta de terra, aonde fomos nos batéis, e achámos homens de melhor coudição do que os passados; pois, aiada que com algum trabalho em domestical-os, foram por fim nossos amigos e commerciauos com elles. Estivemos cinco dias n'esta paragem, e aqui achámos cannastula muito grossa, verde e tambem secca, em cima das arvores; assatámos em trazer d'este lugar um par de homens para aprender a lingua, e vieram tres d'elles por sua vontade para Portugal.

Mas como estou cansado de escrever, só posso em brevemente á V. M. que partimos d'este porto, navegando sempre pelo su-sud-este á vista de terra, fazendo muitas escalas e fallando com infinita gente. Enfin, andámos tanto para o sul, que já estavamos fora do tropico de Capricornio, onde o polo antarctico se levanta sobre o horizonte 32° (10), e já tínhamos perdido de tudo a Ursa menor, e a maior estava tão baixa que apenas apparecia no fim do horizonte, e assim nos governámos pelas estrellas do outro polo antarctico, que são muitas, muito maiores e mais luzentes que as do nosso; da maior parte das quaes trouxe as figuras, principalmente das da primeira grandeza, com declaração

[10] Devis haver escripto 37°. Refere-se á margem do Rio da Praia. Veja-se o nosso quinto opusculo sobre Vespucci: *Ainda Amerigo Vesputri, etc.* (P. 5.)

das orbitas que descrevem a roda do pólo do sul, e dos seus diâmetros e semi-diâmetros, como se pôde vêr em as minhas quatro jornadas.

Corremos algumas setecentas e cincoenta leguas d'esta costa, a saber: cento e cincoenta do cabo de Santo Agostinho para ponente, e seiscentas para o sudoeste. Se eu me propuzesse a contar as cousas que vi n'esta navegação não teria papel bastante, mas pôde-se dizer que n'ella não encontramos nada de proveito, excepto infinitas arvores de pão-brasil, de cannistula, as de que se tira a myrrha, e outras mais maravilhas da natureza, que seriam longas de referir: o havendo já bons dez mezes que vijavamos, vendo que na terra não achavamos mina alguma, resolvemo-nos a deixal-a e ir examinar o paiz por outra parte. E assim se determinou seguir aquella navegação, que me parecesse bem: incumbindo-me absolutamente do commando da armada.

Mandei, pois, fazer provimento de agua e lenha para seis mezes, que tanto julgaram os officiaes das náos que podiamos navegar com ellas. E feito isto principiámos a nossa viagem pelo les-sueste aos 15 de Fevereiro, quando o sol estava vizinho ao equinocio e voltava para este nosso hemispherio septentrional; e tanto navegámos por este rumo, que a elevação do pólo antarctico sobre o nosso horizonte era de 52°. E desde então não vimos mais estrella alguma da grande nem da pequena Urca; estavamos distantes da terra d'onde tinhamos partido boas quinhentas leguas les-sueste, e isto aos 3 de Abril.

N'este dia principiou no mar uma borrasca tão grande, que nos fez ferrar de todo as velas; corrimos arvore sêcca com um vento muito forte (que então era su-sudoeste), com muito grande mar e o ar muito carregado; sendo tal a furia do vento, que toda a armada estava na maior consternação. As noites eram muito grandes, e a de 7 de Abril foi de quinze

horas, porque o sol estava no fim de Aries, e era então inverno n'estas paragens, como V. M. pôde facilmente comprehender. Estando, pois, assim afflicto, no dia 7 de Abril tivemos vista de uma nova terra, a qual curremos causa de vinte leguas(11), e achámos toda a costa brava sem porto nem gente alguma, e era tanto o frio, que ninguém da armada se podia valer nem supportar-o; de modo que vendo-nos em tal perigo e fortuna, que apenas podíamos avistar-nos uns navios aos outros, pelo grande mar que se levantava entre nós, e á muita escuridade do tempo, conviemos com o capitão-mór em fazer signal á armada para se ajuntar, afim de que, deixando a terra, tomassemos o rumo de Portugal, o que foi muito bom conselho, pois é certo que se nos demoravamos ainda aquella noite estavámos perdidos. Tomámos, pois, o vento em pópa, e na noite e dia seguinte cresceram tanto a tormenta, que estivemos perto de ir ao fundo, e promettemos de fazer peregrinações e outras ceremonias, como é costume dos marfheiros em semelhantes occasiões. Corremos assim cinco dias, avizinhando-nos sempre á equinoctial, e a um mar e atmosphera mais temperados. Finalmente, prouve a Deus livrar-nos de tamanho perigo, e sendo a nossa navegação pelo nor-nordeste, por qüerermos reconhecer a costa da Ethiopia, de que estavámos distantes mil e trezentas leguas pelo mar Atlantico. E com ajuda de Deus chegámos aos 10 de Maio a uma terra para o sul, chamada Serra Leoa, aonde estivemos quinze dias para refrescar, e d'ahi navegámos para as ilhas dos Açores, distantes obra de setecentas e cincoenta leguas, onde chegámos pelo fim de Julho, e nos demorámos outros quinze dias descansando; depois partimos para Lisboa, d'onde ainda dista-

(11) Sem duvida a *Georgia Austral*, conforme em outro lugar provámos. (P. 8.)

vamos trezentas leguas da banda de oeste, e entrámos a salvamento, Deus louvado, n'este porto, aos 7 de Setembro de 1502, com duas náos sômente, porque a outra foi queimada na Serra Leoa, por não poder navegar mais. Fizemos n'esta viagem quinze mezes e onze dias, navegando quasi sempre sem vêr a estrella do Norte nem as Ursas, e governando-nos pelas estrellas do outro pólo: e eis-aqui quanto vi n'esta navegação ou jornada.

#### QUARTA VIAGEM

Resta-me dizer o que vi na quarta viagem ou jornada: e tanto, por estar cansado de escrever, como porque ella se não fez segundo a tenção que eu levava, por causa de uma desgraça que succedeu no mar Atlantico, como V. M. verá ao diante, cuidarei em ser breve.

Partimos d'este porto de Lisboa seis náos de conserva, com o proposito de ir para a banda do oriente descobrir uma ilha chamada Malaca, a qual se dizia ser muito rica, e como o armazem de todas as náos que vêm do mar Gangetic e Indico, bem como Cadiz, o é de todos o navios que passam do levante a ponente; Malaca está mais ao lêste do que Calicut e mais ao sul, pois sabemos que está em 3° do nosso pólo.

Partimos no dia 10 de Maio de 1503, e fomos em direitura ás ilhas de Cabo Verde, onde querêrâmos e tomâmos toda a custa de refrescos; depois de nos termos demorado treze dias seguimos a nossa viagem no rumo de leste-sueste; e como o capitão-mór era homem presunçoso e obstinado, quiz reconhecer a Serra Leoa, montanha da Ethiopia austral, sem ter necessidade alguma d'isso, senão para fazer vêr que era capitão de seis náos, e contra vontade de todos nós os outros capitães; navegando, assim, quando estivemos junto á dita terra, foram tantas as tormentas que tivemos, e o vento tão

contrario, que, estando á vista d'ella alguns quatro dias, não nos deixou nunca o temporal tomar terra, de modo que fomos forçados a voltar á nossa verdadeira navegação, e deixar a dita serra.

E partindo d'aqui pelo sudoeste, quando teriamos andado hein trezentas leguas pela immensidade d'este mar, estando já além da linha equinocial 3° para o sul, se descobria uma terra, de que então podiamos estar distantes vinte e duas leguas, o que nos serviu de maravilha; achando que era uma ilha no meio do mar (12), extremamente alta, e notavel por não ter mais de duas leguas de comprido e uma de largo, e nunca foi habitada por gente alguma. Foi esta ilha hein prejudicial a toda a armada; porque saberá V. M. que, por máo conselho e ordem do nosso capitão-mór, se perdeu aqui a capitânea, dando ella em um cachopo, onde se abriu na noite de S. Lourenço, 10 de Agosto, e foi ao fundo; não se salvando d'ella cousa alguma senão a gente. Era não de trezentas toneladas, e n'ella iam todos os mantimentos da armada; e trabalhando todos por lhe achar algum remedio, o capitão-mór me mandou com a minha não áquella ilha, em procura de algum surgidouro, onde podessemos ancorar todos os navios; e porque o meu habel, tripulado por nove dos meus marinheiros, estava em serviço da não atagada, fui obrigado a partir sem elle, dizendo-se-me que depois n'ó levariam. Separei-me, pois, do resto da armada sem o habel, e com metade só da minha tripulação, e assim fui em demanda da ilha, que então me ficava na distancia de quasi quatro leguas, e achei n'ella um bellissimo porto, onde seguramente podiam ancorar todas as

(12) Sem duvida a propria ilha de Fernando de Noronha, que, segundo parece, acabava de ser descoberta pelo navegador d'esto nome umas seis semanas antes, pela festa de S. João (24 de Junho) pelo que a denominára de S. João. (P. S.)

nãos. Esperei aqui oito dias, sem que me apparecesse ninguém, de sorte que já estávamos pouco contentes, e os homens que ficaram comigo com tanto susto, que os não podia por modo algum consolar. Estando assim, vimos ao oitavo dia vir uma não pelo mar fóra; e com o receio de que nos não visse, fizemo-nos á vela e fomos direitos a ella, pensando eu que traria o meu batel e gente. E quando estive-mos perto, saudamo-la e a inquirimos sobre estes pontos; ao que nos respondeo que a capitanea tinha ido ao fundo, salvando-se apenas a gente, e que o meu batel e tripolação tinham seguido a armada por aquelle mar fóra. Aqui foi tal a minha paixão, como V. M. pôde pensar, por me achar mil leguas distante de Lisboa, muito enfolgado e com pouca gente. Contudo, fazendo frente á desgraça, foi-nos forçoso navegar por diante, e tornando á ilha nos provemos de agua e lenha, com o batel da minha conserva. Esta ilha é deshabitada, tem muitas aguas doces e correntes, infinitas arvores, e innumeraveis aves marítimas e terrestres, tão simples que se deixavam apanhar á mão, e assim caçamos tantas, que carregámos um batel d'ellas; não vimos outro animal senão ratos muito grandes, lagartos com duas caudas e algumas serpentes.

Feita a nossa provisão, partimos pelo sul quarta a sudoeste, porque tínhamos do regimento real que se alguma das náos se perdesse, da armada ou da capitanea, endireitasse o rumo para a terra que na viagem passada descobrimos, em um porto a que puzemos o nome de *Bahia de Todos os Santos*; e prouve a Deus dar-nos tão bom tempo que em dezeseite dias tomámos terra, ainda que estivessemos distantes de tal ilha boas trezentas leguas. Não achando aqul o nosso capitão-mór, nem nenhuma outra não da armada, esperámos dois mezes e quatro dias; e vendo que não vinha noticia alguma, deliberámos a conserva e eu correr a costa; e nave-

gámos mais para diante duzentas e sessenta leguas até que chegámos a um porto (13), onde determinámos fazer uma fortaleza, como com effeito fizemos, deixando n'ella vinte e quatro christãos, que vinham na outra não, dos que tinham naufragado na capitanea.

Estivemos n'este porto cinco mezes, fazendo a fortaleza e carregando pão-brasil, porque não podíamos navegar mais para diante por nos faltar muita gente eapparelhos.

Feito isto, convienos em voltar para Portugal, que nos ficava pelo nor-nordeste, e assim deixando os vinte e quatro homens em terra, com mantimentos para seis mezes, doze bombardas e muitas outras armas, pacificámos toda a gente do paiz, da qual não faço menção n'esta viagem, não porque não vissemos e praticassemos com infinida, pois fui pela terra dentro, acompanhado de trinta homens, algumas quarenta leguas, aonde vi muitas cousas, que deixo de contar, reservando-as para as minhas *Quatro Jornadas*. Está esta terra além da equinocial 23° (14), e trinta e sete mais ao occidente do que Lisboa, segundo mostraram os nossos instrumentos.

Feito tudo isto despedimo-nos dos christãos e da gente da terra, e começámos a nossa navegação pelo nor-nordeste, com intenção de ir em directura à Lisboa, e em setenta e sete dias, depois de tantos trabalhos e perigos, entrámos n'esta barra aos 18 de Junho de 1504. Deus louvado. E aqui fomos muito festejados, por todos nos reputarem perdidos; e as outras não da armada todas o estarão pela soberba e loucura do nosso capitão, pois assim paga Deus aos soberbos.

(13) Esta porto foi o de Cabo Priô, segundo se deduz da sua longitude O. de Lisboa, e se confirma pelo *Itinerario* MS. de Santa Cruz. (P. S.)

(14) Esta latitude foi provavelmente mal lida e estampada errada como 18. O autor escreveria 23°, não 18°. O 1 com o 3, e o 3 com o 8 eram mal parecidos na letra antiga. (P. S.)

Presentemente acho-me em Lisboa, e não sei o que el-rei querrá fazer de mim, que tenho muito desejo de descansar. O portador d'esta que é Benvenuto, filho de Domingos Benvenuto, contará á V. M. das minhas circumstancias, e de algumas cousas que deixo de dizer, por elle as ter visto e ouvida, louvado seja Deus.

Fui simplicando esta quanto pude; e se deixei de referir muitas cousas de historia natural, querendo-me referir a elle, V. M. me desculpará; supplico-lhe me tenha no numero dos seus criados, e recommendo-lhe Antonio Vespucci, meu irmão, e toda a minha casa. Fico rogando a Deus que prospere a vida, e que exalte e augmente o estado d'essa magnífica e excessiva republica, e honra de V. Magnificencia.

Escrepta em Lisboa, aos 4 de Setembro de 1504.

Vosso servilior,

*Amerigo Vespucci.*

(Em Lisboa.)

#### NOTA

Esta notavel e extensa carta, escripta por Vespucci ao gonfalonheiro Soderini, seu antigo condiscipulo, deve ter sido impressa por primeira vez, provavelmente em caracteres goticos, em 1505; pois que, em 10 de Fevereiro d'este anno, throu d'ella cópia, naturalmente para esse fim, o notario florentino Lorenzo di Piero Cherzani da Dicomano, a pedido dos «magnificos senhores» Girolamo di Hoffri e Ceccia e Baldini de Horcia. Porém d'esta edição, que serviria para a traducção franceza, da qual o conego Jean Bastin de Sionnaux fez o traslado latino, que Waldzeomuller imprimiu por primeira vez em 1507, lendo *V. Magestas* por *V. Magnificencia*; não se tem encontrado nenhum exemplar; o que não admira; quando da que parece ter sido segunda edição, executada talvez pelos annos de 1510, em caracteres rodondos,

com o título em guthico, não se contam mais de quatro exemplares. É notório como de duas das cartas de Colombo, de 1483 e de 1492, não se conhecem as primeiras edições, serão desde que, por acaso, de cada uma d'ellas foi encontrado um exemplar.

Como é sabido, foi, no acto de publicar em latim esta carta (na qual o autor é nomeado *Americus* e não *Albericus*), que o dito Waldseemüller, por primeira vez, propoz que o continente desde pouco descoberto fosse chamado *AMERICA*, nome este que desde logo inscreveu no pequeno globo ou *poma*, que *então* publicou; tratando de justificar a idéa com as seguintes palavras que por si sós destróem todas as extravagantes pretensões de buscar para esse nome outra origem ou *etymologia*.

Essas próprias palavras, com que formulou a dita proposta, a qual não tardou a ser aceita pelos sabios Schoner, Vadianus (Walt) Margalho, Apiano e outros:

*«Et alia quarta pars per Americum Vesputium (et in sequentibus audivitur) inuenta est—quam non videtur quis iure videri ab Americo insulatore sagaci ingenii viro Amerigem quasi Americi terram, sine Americam dicendam cum et Europa et Asia a mulieribus sua sortita sint nomina.»*

A leitura de V. *Magnifica* por V. *Magnificenza* deu origem á crônica de que a dita carta fôra escripta ao rei Renata. (P. 8.)

Outra narração da terceira viagem, em carta de Lisboa para Paris, a Lorenzo di Pier Francesco dei Medici, escripta antes da presente mais de anno e meio, de modo que as duas narrações servem de rectificar uma á outra.

Ha dias lhe escrevi extensamente ácerca do meu regresso das terras novas, que, na fôrta a expensas d'este Serenissimo rei de Portugal, correnos e descobrimos; as quaes terras nos deve ser permitido chamar *Novo Mundo*, porque, entre os nossos maiores não honve o menor conhecimento de que fossem habitadas, e para todos que ovirem será uma novidade. E, entretanto, esta opinião vai além da dos antigos, pois d'elles a maior parte dizem que, além da equinocial, para a banda do meio-dia, não existia terra continental, mas somente o mar Atlantico, e os que affirmaram haver ahí terra negaram que fosse habitada de racionais. Mas o ser esta opinião falsa, e a verdade o contrario, se provou n'esta minha ultima viagem, pois n'aquelles meridianos encontrei terra continental habitada de mais povos e animaes que a nossa Europa e a Asia ou Africa, e os ares mais temperados e amenos que em qualquer outra região conhecida, conforme direi, tratando do que vi ou ouvi digno de notar n'este *Novo Mundo*, segundo se verá mais abaixo.

Aos 14 (15) de Maio de 1501 partimos de Lisboa por ordem do dito rei, com tres navios, em busca das novas terras austraes. Com viagem feliz, navegámos de continuo dez (16) mezes para as bandas do sul, pela fórma seguinte. Fizemos caminho pelas ilhas, antes ditas *Fortunadas*, e que hoje se dizem Grã Canarias, que jazem no terceiro clima e confins do occidente povoado. Depois corremos, pelo oceano, todo o littoral africano e parte do ethiope, até o promontario chamado Ethiope por Ptolomeo; o qual agora, pelos nossos, se diz Cabo Verde e pelos ethiopes Bezaguicho (17), e a região Mandinga, em 14° ao norte da equinocial, habitada por pretos.

Alií, recuperadas as forças e providos do necessario, levámos âncoras, largámos velas e seguimos viagem para o sul, calhando um tanto para le-este, aproveitando os ventos de leste. E navegámos, desde o dia que partimos do dito cabo, durante dois mezes e sete (18) dias antes de encontrar nenhuma terra.

Quanto soffrmos, que perigos de naufragio e de corpo aguentámos, em que variedades de animo nos vimos, deixo á consideração dos que têm exacto conhecimento das cousas, e de que seja buscar o incerto e investigar o ignorado; e para dizer tudo em poucas palavras, acrescentarei que, dos sessenta e sete dias que de continuo navegámos, quarenta e quatro tivemos de chuva, trovões e raios; e tão escuros que nem viamos de dia o sol, nem de noite o sereno céu. O facto é que tanto augmentára em nós o medo, que havíamos perdido quasi tudo a esperanza de vida. No meio d'estas

(15) Na carta a Soderini se lê 10.

(16) No original impresso se lê XX, mas é evidente erro typographico á vista da propria narração do autor. (P. 8.)

(17) Bezoagueo, actual porto da Gorée. (P. 8.)

(18) No impresso se lê tres, evidentemente por erro, por quanto logo adiante o numero de dias é conputado em sessenta e sete. (P. 8.)

terribes tormentas approvou ao céu allissimo mostrar-nos terra continental e novas regiões, e outro mundo desconhecido, com o que tanto nos alegrámos quanto podem imaginar os que tenham experimentado varias calamidades e fortunas contrarias. No dia 17 (19) de Agosto de 1501 surgimos na costa d'aquella terra, agradecendo a Deus, com sollemnes preces, e celebrando uma missa cantada, a qual terra reconhecemos não ser ilha, mas sim um continente, pois corremos ao longo do seu litoral, sem a rodear, e era povoada de innumerables habitantes e de muitas sortes de animaes silvestres, que não se encontram nos nossos paizes, e muitas outras cousas nunca de nós vistas, que seria longo de referir. Muito devemos á clemencia de Deus que nos fez aportar n'aquella região, porque já nos faltava agua e lenha, e poucos dias mais poderíamos aturar no mar. Por isso a elle honra e gloria em acção de graças.

Resolvemos navegar, seguindo o litoral, que pende para o oriente, sem d'elle nos afastar; e tanto o costeámos que chegámos a um angulo, para diante do qual a costa propendia para o sul. E desde o lugar, em que primeiro surgimos até o dito angulo, contámos trezentas leguas, durante as quaes communicámos muitas vezes com a terra, e os seus habitantes, como abaixo narrarei. Esquecia-me dizer que desde o Cabo Verde até a dita primeira paragem d'esso continente ha perto de setecentas leguas; ainda que avaliámos em mais de mil e oitocentas as que navegámos; em parte por ignorancia dos lugares e do capitão, e em parte pelas tempestades e ventos que nos impediam seguir caminho recto, obrigay-nos a muitas singraduras; de modo que, a não ser os que entendiamos de cosmographia, não seria o nosso

(19) Veja-se a carta a Soderini e a conta das sessenta e sete dias.

(P. 5.)

(20) Sem duvida a Bahia. (P. 5.)

chefe que durante quinheitas leguas soubesse onde estávamos. Andaríamos vagos e errantes, a não nos valerem dos nossos instrumentos de tomar a altura — o quadrante e astrolábio—bem conhecidos. E assim, desde então, todos nós fizemos muita honra, e lhes provei que, sem conhecimento da arte de navegar, não ha disciplina que valha para a navegação, a não ser pelos mares já pelos mesmos individuos muito navegados.

Do lugar, porém, em que o littoral quebrava em angulo para o sul, resolvemos continuar a navegar, e vêr que região fosse essa. Navegámos, pois, seguindo a costa umas seiscentas leguas, baixando muitas vezes em terra, tratando com os habitantes, e sendo bem recebidos e morando com elles amigavelmente ás vezes quinze e vinte dias continuos, como abaixo se verá.

Uma parte d'este continente jaz na zona torrida, ao sul da equinocial desde o oitavo grão. Tanto ao longo d'elle navegámos que, passado o tropico de Capricornio, chegámos á altura de cincoenta grãos, na distancia de dezeseite e meio do circulo antarctico. E do que vi e investiguei da natureza d'aquellas gentes, dos seus costumes e trato, da fertilidade da terra, da salubridade dos ares, da disposição do céu e dos corpos celestes, e, especialmente das estrellas fixas da oitava esphera, nunca aos nossos maiores vistas ou tratadas, passarei a dar conta.

---

Comencarei pela gente. Foi tanta a multidão d'ella, mansa e tratavel, que encontramos n'aquellas regiões, que, como diz o Apocalipse, não se pôde contar. Os de um e outro sexo andam nus, sem cobrir nenhuma parte do corpo, como sabem dos corpos das mães, e assim vão até a morte. Têm

os corpos grandes e robustos, bem dispostos e proporcionados, de côr tirante à vermelha, o que, segundo creio, lhes procede de serem tintos pelo sol, aoidando nós.

Têm os cabellos negros e crescidos: são ageis, e facéis no andar e nos jogos, e de muy bellas feições, as quaes com tudo a si proprios desfiguram, furando as faces, os labios, as ventas e as orelhas. E não se creia que os buracos sejam pequenos ou tenham apenas um, pois vi muitos com sete, cada um dos quaes tão grandes como um abrunho. Tapam estes buracos com bonitas pedras azues de marmore, crystallinas ou de alabastro, e com ossos alvissimos e outros objectos elaborados segundo seu uso, que é insolito e monstruoso. Homens ha que levam nas faces e labios sete pedras, cada uma de metade da palma da mão de comprimento. Não sem admiração, muitas vezes achei pesarem essas sete pedras dezeseis onças, além das que trazem pendentes de tres buracos nas orelhas.

Mas este uso é somente dos homens. As mulheres não furam as faces, mas somente as orelhas.

Outro costume têm extravagante, e que parece incrível: que as mulheres, sendo libidinosas, fazem inchiar o membro de seus maridos tanto, que parecem brutos, e isto por meio de certo artificio e mordedura de nos bichos venenosos, por cujo motivo muitos d'elles o perdem e ficam como eunuchos.

Não possuem pannos de lã nem de linho, nem mesmo de algodão; porque os não necessitam, nem têm bens de propriedade; porém tudo lhes é commum. E vivem juntos, sem rei nem imperio, e cada qual é senhor de si.

Tomam tantas mulheres quantas querem, e o filho se junta com a mãe, e o irmão com a irmã, e o primo com a prima, e o caminhante com a que encontra. Basta a vontade para instrinoniarem, no que não observam ordem alguma. Além disso não possuem templos nem leis, nem

são idólatras. Que mais direi? Vivem *secundum naturam*, e se podem conceituar de epicureus mais que de estoicos. Não ha entre elles commerciantes nem commercio.

Guerreem-se entre si, sem arte nem ordem. Os mais velhos, com alguma parcialidade, obrigam a quanto querem os jovens, e os levam á guerra, na qual se matam cruamente; e aos que captivam não poupam as vidas senão para que os sirvam toda a vida, ainda que a outros comem, sendo certo que é entre elles a carne humana manjar commum; e se ha visto haver o pai comido mulher e os filhos. E um conheci eu, a quem fallei, que se gabava de haver saboreado trezentos corpos humanos, e até esteve vinte e sete dias em certa povoação, onde vi dependurada pelas habitações carne humana sagrada, como entre nós se usa com o toucinho e a chiacina de porco.

Digo mais: até se admiram de como nós não comamos os nossos inimigos, nem fazemos uso de sua carne, que dizem saborosíssima. Suas armas são arcs e flechas; e quando se affrontam em acção não cobrem nenhuma parte do corpo para defender-se, e n'isto são semelhantes aos animaes. Procurámos dissuadi-los quanto nos foi possível d'estes barbaros costumes, e elles nos prometteram deixal-os.

As mulheres vão nusas, e com quanto libidinosas, como disse, são assaz bellas e bem formadas; e passando nos pareceu que, entre as que vimos, nenhuma se notava que tivesse os peitos cahidos; e as que já haviam parido, pela forma do ventre e sua contracção, não se differenciavam das virgens, e se lhes semelhavam nas outras partes do corpo, do que por decencia deixo de occupar-me; mas quando peliam tratar com os nossos christãos, impellido pelo desejo, não tinham o menor pudor.

Vivem cento e cincoenta annos, e raras vezes adoecem.

E se adoecem, a si próprios se curam com certas raízes de plantas. Eis quanto de mais notavel entre elles observei.

Os ares ali são temperados e bons; e, pelo que pude deduzir de suas narrações, não ha pestes nem doenças provenientes da corrupção do ar, e, se não morrem de morte violenta, vivem larga vida: segundo creio, porque sempre ali predominam os ventos austraes, e principalmente o que denominamos euro ou aquilão.

Deleitam-se na pesca, e o mar é ali mui proprio para ella, porque é copioso em toda sorte de peixes.

Não se dão á caça; penso que porque, havendo ali muitas sortes de animais, *maxime* leões e ursos, e muitas cobras e outros bichos horridos e disformes, e porque os bosques são extensos e as arvores muito grandes, não ousam arriscar-se, nus e sem comprimento, a tantos perigos.

A terra d'aquellas regiões é fértil e amena, de muitos montes e morros, e infinitos valles, e regada de grandes rios e fontes, coberta de extensos bosques, densos e apenas penetraveis, e povoada copiosamente de feras de todas as castas. Nella nascem, sem cultura, grandes arvores, as quaes produzem fructos delectuosos, e de proveito ao corpo e nada nocivos, e nenhuns fructos são parecidos com os nossos. Produzem-se innumeraveis generos de arvores e raízes, de que fabricam pão e optimos mingãos, além de muitos grãos ou sementes não semelhantes aos nossos.

Metaes nenhuns ali se encontram, excepto o ouro, do qual ha abundancia, se bem que d'esta viagem nenhum connosco trouxemos; mas deram-nos d'elle noticia os habitantes, affirmando que nos sertões havia muito, mas que não o estimavam nem apreciavam.

As povoadas abundam n'esta região, como em outro lugar escrevi (21). Seria demasiado prolixo e descommedido se

(21) Na parte da segunda viagem, respectiva ás costas de Paria ou Venezuela actual. (P. 3.)

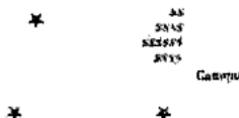
quizesse dar conta um a por uma de todas as cousas dignas de noticia, e das numerosas especies e multidão de animaes. E verdadeiramente creio que o nosso Plínio não conseguia tratar da millesima parte dos animaes, nem dos papagaios e outros passaros, os quaes, n'aquelles paizes, são de formas e cores tão variadas, que o artista Policleto (22) não conseguia pintal-os. Todas as arvores são odoríferas, e produzem gomas ou óleos, ou algum outro licor, cujas propriedades todas, se fossem conhecidas, não duvido que andaríamos todos sãos. E por certo que se o paraizo terreal existe em alguma parte da terra, creio que não deve ser longe d'estes paizes: ficando situado ao meio dia, com ares tão temperados, que nem no inverno gela, nem no verão faz calor.

O céu e os ares, na maior parte do anno, são serenos, repassados de densos vapores. Chove ali a miúdo, e dura a chuva tres e quatro horas, e como nimbos se esvabe. O céu se adorna de bellissimas signs e figuras; e notei umas vinte estrellas de tanta luz, como algumas vezes tinhamos visto Venus e Jupiter. Estudei os seus movimentos e orbitas, e medi suas circumferências e diametros por um breve processo geometrico, e reconteei serem de grandeza maior. Vi n'aquelle céu tres campos, dois sem questão de maior grandeza, e o outro escuro. O pólo antarctico não é figurado com as Ursa maior e menor, como o nosso, nem junto d'elle se vê nenhuma estrella brilhante; e, entre as que giram em seu redor em breves orbitas, tres têm a figura de triangulo-rectangulo (23), cuja semi-periphéria tem de diametro nove grãos e meio. E quando nasce da esquerda, se vê um

(22) O tradactor deve ter lido mal este nome. Policleto nunca foi pintor, mas escultor em bronze. Creemos que no original de Vossaei se leria antes *Poliojudo*, nome de um pintor florentino, fallecido apenas cinco annos antes.

(23) Sem dúvida o *Triangulum Arcticum*. (P. S.)

canopo branco de exímia grandeza, e quando chegam a meio cõo têm esta figura :



Após estas vêm duas, rajas semi-periphèria tem doze grãos e meio, e com ellas se vê outro canopo claro. Seguem mais seis estrellas formosissimas e clarissimas entre outras da oitava esphèra, que, na superficie do firmamento, têm no diâmetro da periphèria trinta e dois grãos, e são acompanhadas de um canopo escuro de immensa grandeza, que se vê na via-lactea, e quando se acham na linha do meio-dia apresentam esta figura (24):



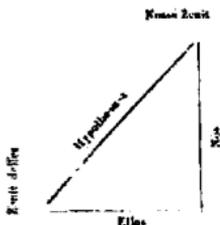
Muitas outras bellissimas estrellas recollecí, notando suas orbilas, as quaes descrevo graphicamente no meu livro d'esta viagem, ainda em poder d'este Serenissimo rei, que espero m'o restituirá.

N'aquelle hemisterio vi cousas não de accordo com as razões das philosophos. Preto da meia noite foi visto o arco iris brilhar, não só por meus olhos, como por todos os

24 Refere-se immediatamente Verquædo no *Cruzado do Sul*. (P. 8.)

nautas (25). Igualmente vimos a lua nova no dia da conjunção com o sol. Todas as noites percorrem n'aquelle céu innumeros vapores e flamas ardentes. Disse hemispherio, ainda que, com respeito a nós, não o seja muy rigorosamente, mas só para que nos entendamos.

Assim, partidos de Lisboa a trinta e nove grãos e meio ao norte da linha, navegando além de cincoenta grãos sul, se contarão uns noventa grãos na latitude, os quaes, perfezendo um quarto de circulo maximo, é manifesto que, segundo as noções que herdámos dos antigos, navegámos a quarta parte do mundo. E por esta razão, os que morámos em Lisboa, em trinta e u ve grãos e meio de latitude septentrional, estamos em relação, com os que se encontrem em cincoenta grãos do lado do sul, no quadrante, em linha transversal: ou mais claro: a linha vertical, que parte de nós ao ponto do céu sobre essas edições, flex-lhes a elles de lado, formando com a d'elles um triangulo-rectangulo, cuja altura nos corresponde, e a elles a base, ambas reunidas na extremidade pela competente hypotenusa, como se vê da seguinte figura:



(25) Em varias edições, como na següida por Bandini e por Chantou têm se aqui períodos, com explicações que não se encontram na tradução latina, nem na de Vicenz de 1507. Igualmente as estampas das estrellas são muy diferentes, motivo por que não acertaram elles quizes erram.

E o dito haste quanto à cosmographia.

Taes foram as cousas mais notaveis que vi n'esta minha última viagem, que denomino *Jornada Terceira*, pois as outras duas foram as viagens que para o occidente fiz por mandado do Serenissimo rei de Hespanha, nas quaes assentei, dia por dia, todas as cousas admiraveis e mais de notar do sublime Creador nosso Deus, para, quando tenha tempo, me dedicar a colligir todas estas singularidades e maravilhas, escrevendo, geographica ou cosmographicamente, um livro, para que a minha memoria passe à posteridade, e se conheça o immenso certifica de Deus Omnipotente, em parte dos antigos ignorado e de nós conhecido. Pelo que rogo a Deus clementissimo que me prolongue os dias de vida, afin de que com saude e a sua boa graça possa realizar este desejo e boas disposições. As outras duas *Jornadas* reservo; e restituindo-me este Serenissimo rei a terceira, regressarei tranquillamente à patria, conferindo com os peritos, e com auxilio e animação dos amigos, espero que poderei levar a cabo estes intentos.

Pego desculpa de não lhe enviar esta derradeira *Jornada*, conforme prometti na minha ultima. E' disso causa o não haver podido conseguir a sua restituição d'este Serenissimo rei. Penso fazer ainda um quarta viagem; e já dois navios estão para isso armados, e a promessa feita para eu ir, pelo sul, rumo de Africa, em busca de novas regiões no oriente. E n'esta nova viagem muito penso realizar em honvor de Deus e utilidade do seu reino, e honra da minha velhice, e nada mais espero senão a ordem do mesmo Serenissimo rei. Deus n'isso permita o que creia melhor, e o que for resolvido constará.

« O traductor Giocondo (Jocandusi) verteu a presente

Davia seguir-se a data e assignatura, que não foram postas e em lugar d'isso o traductor, que foi o dominicano Giovanni del Giocondo então em Paris, acrescentou em latim a seguinte declaração:

epistola do italiano em latim, para que os latinos reconheçam quantas cousas admiráveis se viram n'esta viagem, e se reprima a audacia dos que pretendam perscrutar o erro e a magestade, e saber mais do que é licito; quando, havendo tanto tempo que começou o mundo, é desconhecida a vastidão da terra e quanto ella contém—Deus bouvalo. »

NOTA

A carta acima, dirigida para Paris, onde se achava Lorenzo di Pier Francesco, nunca foi publicada no original italiano; mas sim por primeira vez em latim, sem duvida em Paris mesmo, em principios de 1583; sendo logo depois reproduzida por meio de outras muitas edições e traducções pelas diferentes cidades da Europa central; d'onde proveiu que a reputação de Vespucci, sem nenhuma má fé de sua parte, ultrapassou desde logo, na mesma Europa central, á de Colombo.

Na propria Hespanha, onde o nome proposto por Waldseemuller em 1507 tardou mais em ser aceito, já o admittiu Pedro Margulho no seu *Philosoa Compendium*, impresso em Salamanca em 1611.

Dizemos em principios de 1583, não só porque em 18 de Julho de 1582 havia regressado Vespucci e dado d'isso parte, em carta anterior a esta, ao dito Lorenzo, como porque esta fallença no decurso do dito anno de 1583; e quando Vespucci escreveu esta já dois navios estavam apparelhados para a viagem em que de novo seguiu em Maio d'este ultimo anno.

Quanto as outras cartas, attribuidas a Vespucci, e que, como taes foram publicadas por Baudin, Bartholozzi e Baldeili, e a que den tanto credito Al. de Humboldt, o sabido como, graças a um exame paleographico dos MSS., em uma visita de proposito para esse fim feita por nós á Florença, foram reconhecidas como falsificadas, e resultado apenas da especulação de um miseravel, que pelos fins do decimo sexto seculo, abusaria do bom fé do seu collecter Pier Voglietti, vendendo-lhas como originaes.

Devemos acrescentar que há bastante probabilidade de que Vespucci fizesse á America duas rapidas viagens, quinta e sexta, nos annos de 1505 e 1507, realizando assim os seus desejos manifestados no principio da narração da terceira viagem a Soderini. Ao menos é o que se póde deduzir de certas portadas da correspondencia dos agentes venezianos em Hespanha, corroborados pelo facto de não haver vestigios de sua permanencia na Europa durante uns seis mezes de cada um dos annos mencionados. Essas duas viagens seriam ás costas mais além das de Venezuela, golfo de Uraba, etc. (P. S. J)